

VAMOS FALAR SOBRE GÊNERO?

Diálogos entre Gênero, Educação e Infância

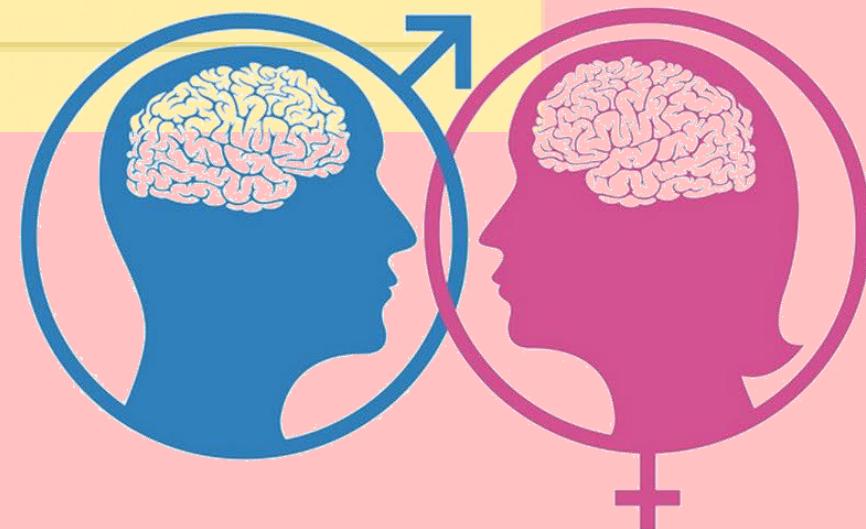


CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

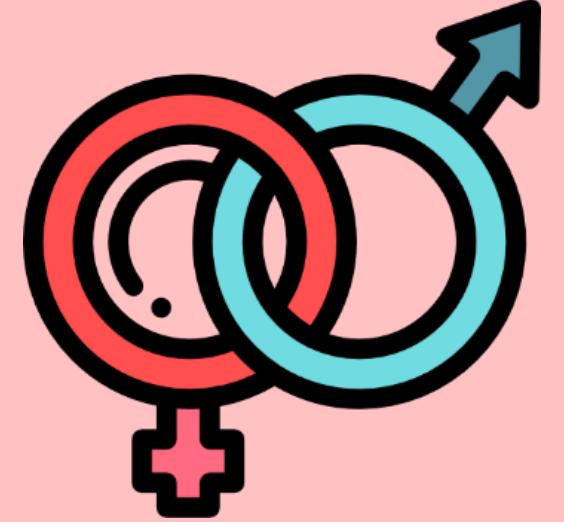
1. Conceituando o gênero
2. Expressão e identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico
3. Gênero, Educação e Infância
4. "Ideologia de gênero": um inimigo invisível
5. Tecendo considerações finais
6. Referências

SEJAM BEM VINDXS

Este material para formação de professores intitulado **Vamos falar sobre gênero?**, é destinado para docentes, graduandos, pesquisadores e quaisquer outros atuantes da sociedade que buscam conhecimento, bem como buscam promover um espaço de equidade.



1. Conceituando o gênero

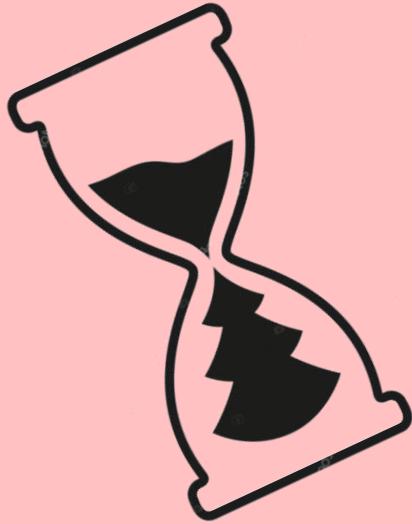


O gênero é um dos focos dos Estudos Feministas. Sua discussão está ligada à reconstrução dos papéis e as produções socioculturais atribuídas ao que é ser mulher e ser homem, Busca também desestabilizar a **heteronormatividade** construída, movimentando-se para uma visão que escapa da percepção do gênero sob a ótica do sexo e da sexualidade.

A perspectiva plural do termo gênero vem do **pós-estruturalismo**, corrente filosófica contemporânea que se atém aos estudos da organização da sociedade que se contrapõe ao essencialismo, defendendo a ideia de que tudo é criado e concebido através da construção humana, ou seja, da **cultura**. Ou seja, os ditames e rótulos de gênero são construções meramente culturais.

Assim sendo, o gênero é um conceito que busca problematizar essas noções simplistas de masculinidades e feminilidades e as **relações de poder** imersas em quaisquer âmbitos da sociedade.

Algumas concepções de gênero ao decorrer dos tempos



“O termo "gênero" também é utilizado para designar as **relações sociais entre os sexos.**” (SCOTT, 1990)

“O gênero não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais feministas têm crescentemente argumentado, **uma relação de poder.**” (WEEKS, 1996)

“Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, **não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo.**” (BUTLER, 2003, p. 24)

“Gênero, como compreendemos, é um dispositivo cultural, constituído historicamente, que **classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino.**” (LINS, MACHADO E ESCOURA, 2016, p. 10)

Judith Butler foi e é uma grande percussora e referência dos Estudos de Gênero. Sua obra **“Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”** é um livro que provoca e sintetiza todo seu estudo acerca do caráter performativo e plural do gênero.





2. Expressão e identidade de gênero, orientação sexual-afetiva e sexo biológico

Os Estudos de Gênero e os Estudos Feministas, sempre embasados pelas ideias pós-estruturalistas, se empenharam e ainda se empenham em desconstruir a ideia de que o gênero deve decorrer do sexo biológico, ou seja, que a vivência da sexualidade e a expressão da mesma deve seguir as estruturas anatômicas de cada indivíduo.

No entanto, a expressão de gênero e a identidade de gênero, a orientação sexual-afetiva e o sexo biológico são coisas completamente distintas, porém, são interdependentes no que se refere a compreender que o sexo biológico não é referência absoluta para decorrer do gênero.

A seguir, um esquema exprime a essência de cada uma dessas vertentes da expressão humana de forma sistematizada:

LEGENDA

SEXO BIOLÓGICO

- ♀ Feminino
- ♂ Masculino
- ⚧ Intersexo

EXPRESSÃO DE GÊNERO

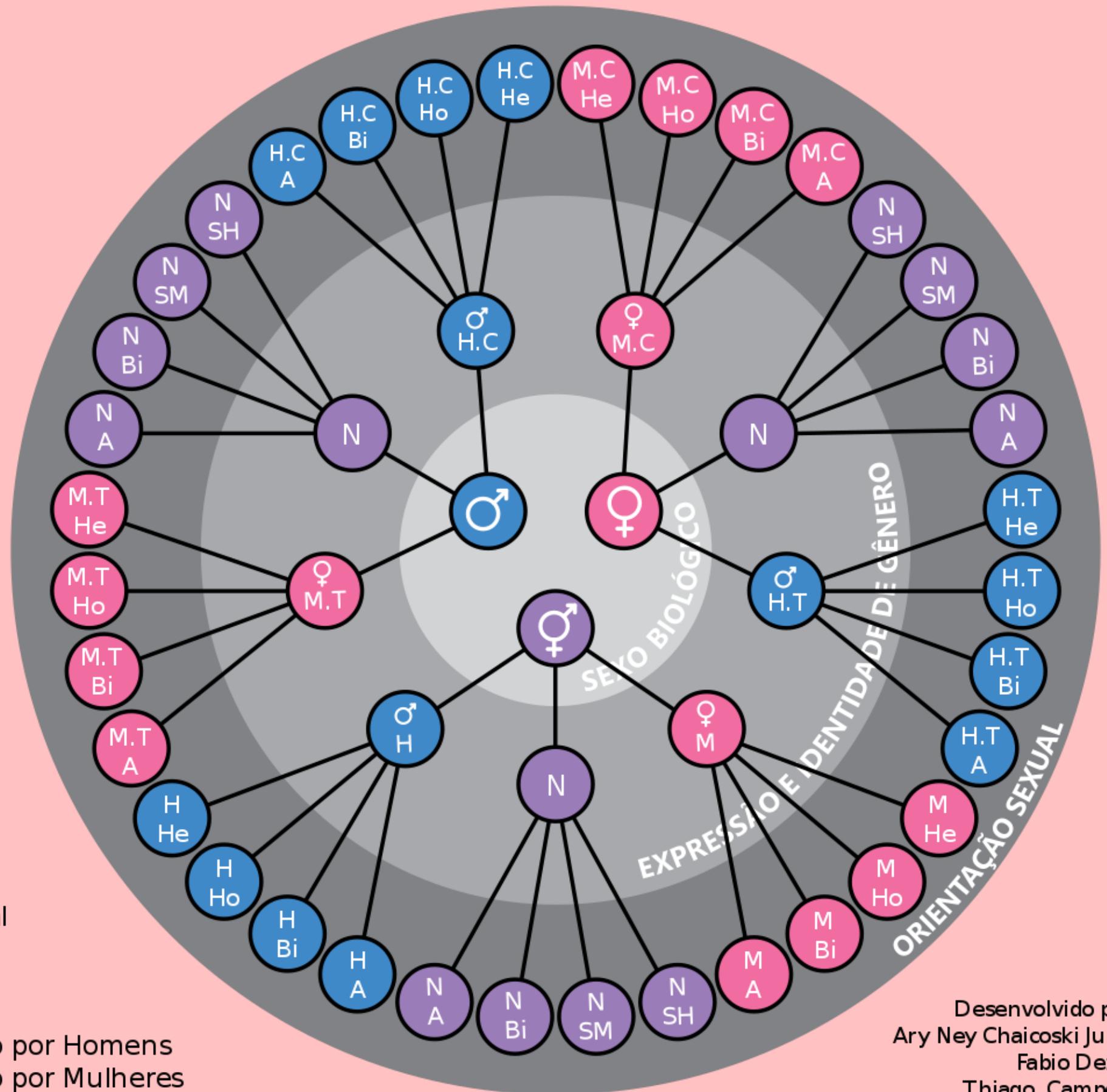
- H Homem
- M Mulher
- N Não Binário

IDENTIDADE DE GÊNERO

- C Cisgênero
- T Transexual

ORIENTAÇÃO SEXUAL

- He Heterossexual
- Ho Homossexual
- Bi Bissexual
- A Assexuado
- SH Sente atração por Homens
- SM Sente atração por Mulheres



Desenvolvido por:
 Ary Ney Chaicoski Junior
 Fabio Dezo
 Thiago Campos

3. Gênero, Educação e Infância

A infância é concebida culturalmente, como a etapa que percebe a criança como um ser de pura inocência, cercada por uma redoma que a protege quando os assuntos são as identidades e possibilidades de vivenciar o gênero, onde, através de situações que transpassam as suas fronteiras, tais sujeitos são vistos como passivos e necessitam de monitoramento contra esses desvios.

As brincadeiras, as organizações e divisões das crianças por sexo exemplificam a maneira que as relações desiguais de gênero operam: de forma natural e prática, fruto de uma escolarização que consiste em educar meninos e meninas em universos distintos e inabitáveis pelo gênero oposto, transmitindo a ideia de rivalidade entre ambos.

Analizando tais genderizações, é possível perceber que a escola e os processos educativos agem com a finalidade de defender a dita normatividade em torno dos meninos e das meninas, interferindo na maneira que estes expressam e moldam suas masculinidades e feminilidades sem escapar das balizas de gênero.



Como são delineadas as masculinidades e feminilidades na infância?



A infância, no espaço escolar, é alvo de proteção ao que se refere ao gênero, onde nota-se que há uma visão redutiva acerca da temática que não deixa ela sequer ser mencionada nesta instância. Orbitando pela atmosfera dessa matriz, ela passa a ser uma fase propícia para a reprodução de desigualdades de gênero, delineando protótipos de masculinidade e de feminilidade.

Esses marcadores sociais aparecem na hora de delegar alguma atividade “de menino” e outra “de menina”, na atribuição do binômio rosa x azul, nas vestes, nos brinquedos e nas brincadeiras que não podem ultrapassar o limite entre os gêneros. A essa atitude de delegar atividades tendo o sexo como separação denominamos **sexismo**.

Nesse viés, as cores também assumem um papel de defensor de hegemonias: a cor azul encarrega-se de defender a masculinidade dos meninos, enquanto a cor rosa representa as meninas. Na infância, o reforço dessas premissas é constante, pois para Filha (2012), as cores rosa e azul “tornaram-se marcas identitárias que definem um ideal de masculinidade e feminilidade”.

Braga e Santos (2017), expressam, de maneira geral, como a escolar produz essas noções de masculinidade e feminilidade, contribuindo e proliferando o sexismo:



“Na escola a visão sexista de mundo se materializa em quase todos os lugares que nossos olhos possam alcançar, na fila das meninas, nas salas, carteiras ou cadeiras para elas, nos materiais didáticos, nos brinquedos, nas brincadeiras, nos livros, na postura dos profissionais da educação, no menino que a mãe ensina não chorar (porque homem não chora), na menina que ouve dos pais que ela deve ser recatada, sensível e delicada.”



Menina hétero,
dentro dos padrões
conservadores do
que é ser menina

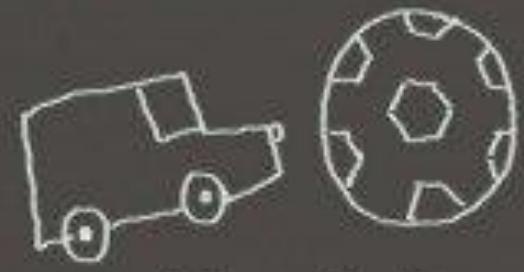
→ CRIANÇAS PRIVILEGIADAS E ACEITAS ←



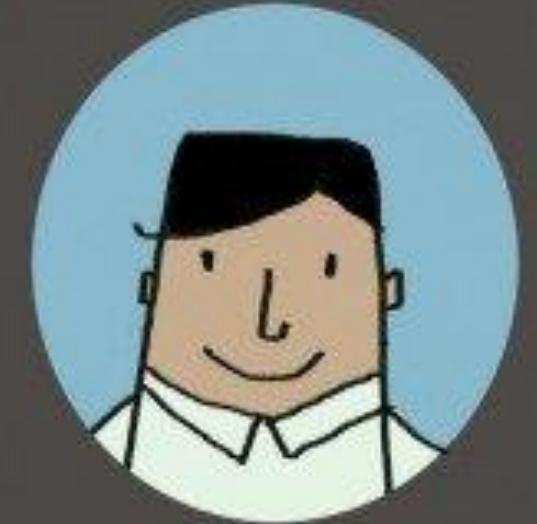
ATIVIDADES
DE
MENINA



FAMÍLIA
REPRESENTADA
NOS LIVROS



ATIVIDADES
DE MENINO



Menino hétero,
dentro dos padrões
conservadores do
que é ser menino

**como é uma escola que
não fala sobre gênero?**

↙ quem não cumprir com os padrões "normais" não terá acolhimento ↘

a menina trans
quer ser chamada
pelo nome de menina,
mas é ignorada



este menino gosta
de balé, por isso é
chamado de bicha e
excluído pelos colegas



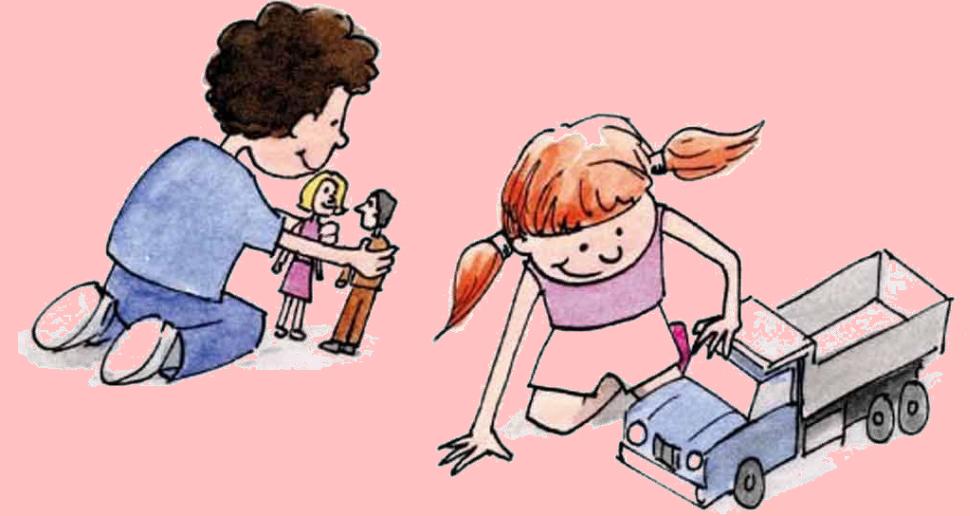
esta menina adora
brincar com carros
e sofre bullying por
gostar de futebol



este menino é filho
adotivo de um casal
gay, mas sua família
não está nos livros.



4. “Ideologia de gênero”: um inimigo invisível



O conceito de ideologia somado a visão plural de gênero, edificaram esse dispositivo “ideologia de gênero”, o qual **se contraria às diversidades de gênero, eximindo o espaço educativo de lutar contra os enfoques que beiram o machismo, a misoginia e o sexismo presentes em todas camadas da sociedade,**

Segundo Moura e Salles (2018, p. 140) esta “ideologia de gênero” se torna sinônimo de **“violação da moral e das tradições, se torna um tabu que precisa ser ocultado”**, Com tal discurso enraizado no desconhecimento da igualdade de gênero, tal alarde dessa falsa ideologia **extermina qualquer contato da escola com as possibilidades entender o gênero como um fator emancipador e crítico, caracterizando o mesmo como uma fraude e uma ameaça à dita família tradicional.**

No entanto, não há um inimigo. O gênero sempre existiu. A ameaça vem dos discursos conservadores que visam silenciar e enquadrar os sujeitos em moldes **hegemônicos e heteronormativos, ignorando a diversidade.** As ilustrações a seguir exemplificam bem sobre a importância de compreender o gênero sob a ótica plural.

gênero é apologia gayzista?

quando este homem era criança, levou uma surra do pai por ter vestido os sapatos da mãe. por quê?



DIRETORA

esse crachá de diretor poderia estar pendurado no peito de uma mulher

não! vamos superar esse erro? falar de gênero é questionar um regime de poder que tem como regra a mulher e o homem brancos heteronormativos

quem inventou que gravata é roupa de homem?

mulheres são julgadas por beber e se divertir, homens não. por quê?



VACA!

CEO

e se não for como eles, o resto está errado?

e se essa moça decide fazer um moicano, como neymar?



por que, quando o ultrassom falou que era menina, todos compraram roupas cor-de-rosa?



e se fosse o pai quem ficasse em casa para cuidar da bebê?



minhas pintadas são só pra mulheres?

ideologia de gênero ou simplesmente gênero?

GÊNERO é tudo que fala sobre
[todos] os corpos e [todas] suas
possíveis sexualidades

IDEOLOGIA é um conjunto de ideias,
doutrinas, visões de mundo de um
determinado grupo, orientado para
suas ações sociais e políticas

gênero fala de todo mundo

ou seja, ideologia oprime a realidade.
mas, o que é realidade?



realidade é vivência



binarismo macho-fêmea
não é a vivência de todos.
insistir nessa configuração
como a única possível
não seria nada democrático,
parece até ideologia de gênero.

↻ e o mundo real é assim, fato ↻

Ferramentas para uma Educação preocupada com as diversidades

Ferramentas pedagógicas, projetos e alternativas educativas para a subversão das fendas de uma pedagogia disciplinadora carecem de otimizações que busquem harmonizar esses diálogos com as infâncias e suas singularidades. Por outro lado, carecem também a falta de preparo e pesquisa dos docentes para lidar e respeitar essas situações, bem como intervir em episódios de desigualdade.

A literatura infantil, por exemplo, tem se ocupado em produzir algumas obras que se deslocam e problematizam esses parâmetros de gênero num aspecto reflexivo e questionador. Que tal utilizar de uma ferramenta essencial para desestabilizar desigualdades e preconceitos entre as crianças?



Literatura Infantil e a subversão de ditames de gênero

É certo que só a leitura ou a indicação de obras não erradicarão o fim das relações de gênero da esfera escolar e a extrema ação pedagógica reforçadora dos ditames heteronormativos e dos marcadores de gênero.





<http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/direitos-humanos-na-literatura.html>

É certo que só a leitura ou a indicação de obras não erradicarão o fim das relações de gênero da esfera escolar e a extrema ação pedagógica reforçadora dos ditames heteronormativos e dos marcadores de gênero. É imprescindível que as atividades tenham significância através da reflexão posterior à leitura, incitando questionamentos e inquietações, contornando-as em novas sínteses.

Propondo essa discussão transdisciplinar das relações de gênero e de sexismo, a mudança de visão acerca dessa diversidade, juntamente com possíveis ferramentas, como livros infantis, podemos indagar e se contrapor aos perfis presentes nas diversas narrações e seus personagens, destacando a importância do diálogo entre gênero e infância, sem ideologias.

5. Tecendo considerações finais

Somos todos diferentes, isso é inegável, e é exatamente essas diferenças que nos fazem sermos iguais, não é? Não exatamente. Nossa sociedade ainda entende a diferença como sinônimo de desigualdade. Através desse curso de formação, adentramos nesse panorama que visa trazer essa ideia igualitária para dentro da escola. Por outro lado, vemos que a escola também carece de propostas e debates que abranjam essas temáticas numa perspectiva plural e problematizadora.

Torna-se imprescindível, então, que a desestabilização dos marcadores de gênero que impedem as crianças de atravessarem e superarem esses estereótipos aconteça e se faça presente nesta instância, enriquecendo uma formação docente voltada ao aprimoramento dos estudos acerca do gênero e da sexualidade no viés da educação, lutando por um ensino e educação menos sexistas, e não compactuando com falsas ideologias ou discursos que desrespeitem as vivências alheias.



REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 15ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAGA, S. O, SANTOS, R. **Relações de gênero e educação infantil**: alternância de papéis e ludicidade. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 4 (1): 249-273, 2017. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193430.pdf>. Acesso em: 24 mar 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP N° 1. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 30 mar. 2019.

FILHA, Constantina Xavier. A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças. **Revista Brasileira de Educação**. V. 17, n. 51 set.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/08>. Acesso em 24 mar 2019.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.

MOURA, F.P; SALLES, D, C. **O Escola Sem Partido e ódio aos professores que formam crianças (des)viadas**. Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acesso em: 24 mar 2019.

SCOTT, J. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre, Vozes, v.16, n.2, 1990.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. Modernity. Londres, Blackwell. 1996.

